

## O Enem e a cobertura da mídia

**Por Eliane Bardanachvili**  
**Jornalista e mestre em Educação**

No dia 19 de julho encerraram-se as inscrições para o Enem 2009 e o Ministério da Educação (MEC) publicou em seu site testes simulados para os 4.500 alunos inscritos se exercitarem no novo perfil do exame a ser realizado em outubro. Esses alunos talvez não saibam, mas ditarão, de acordo com seu desempenho, o perfil das matérias sobre educação que a mídia publicará em 2010, quando forem divulgados os resultados.

A forma como a imprensa se comporta na cobertura do Enem é uma boa oportunidade de se discutir a cobertura de educação de forma geral. Embora o Enem não avalie escolas, mas alunos, os resultados do exame têm sido utilizados para a produção de matérias que põem as instituições de ensino no centro da pauta de forma espetacularizada. Em abril deste ano, quando foram divulgadas as notas da edição 2008 do exame, a imprensa fartou-se de apontar “as piores e melhores escolas” – do estado, da cidade, do bairro, do país... –, a partir de um ranking indevido, fabricado nas redações com as informações enviadas pelo MEC – que não divulga ranking, apenas as notas obtidas pelos alunos e o local onde estudam.

Podemos conferir, por exemplo, no site do jornal O Dia, o Enem tratado como disputa; a matéria usa inclusive o termo bicampeonato para se referir a uma escola que se apresentou no topo da lista das melhores pelo segundo ano consecutivo. As “melhores” e as “piores” estão ali, listadas, julgadas e sentenciadas.

### **Desafios do novo século**

Por mais que estejamos diante dos desafios da imprensa no século 21, em que qualquer pessoa pode ser produtora e divulgadora de informação – mas não jornalista! –, aquilo que os grandes veículos de massa publicam tem peso especial e orienta formas de pensar. Estudiosos do jornalismo nos mostram que a notícia, ao mesmo tempo em que define, também dá forma a um acontecimento, ajudando a constituir a realidade como um fenômeno social compartilhado. Assim, não só o acontecimento cria a notícia, como a notícia cria o acontecimento (Traquina, 1993).

E a serviço de que estão matérias como essas? De reforçar estigmas, limitar olhares, emperrar o compartilhamento de propostas de mudanças. Como não é surpresa que a educação brasileira tem

muito a melhorar, as matérias em tom espetacularizado e de denúncia pouco dizem de novo ao leitor.

Não se trata de camuflar a realidade – se os resultados não foram bons, que isso seja noticiado –, mas de enriquecer a forma como se olha para essa realidade. E isso, sim, é um papel que a mídia pode assumir ao se dirigir aos seus leitores/espectadores/ouvintes/internautas. A denúncia pura e simples, embora atraente, é pouco para um jornalismo que pode cumprir importante função social, fornecendo régua e compasso para que seu público trilhe os próprios caminhos na análise dos cenários. As escolas, os professores, os alunos, os cidadãos nem sempre se veem representados nas denúncias que a mídia publica. São muitas vezes, os primeiros a protestar ao verem sua escola no centro de denúncias e problemas.

A mídia produzida de forma aligeirada, pouco convidativa à reflexão, tratando de temas profundos e complexos de forma superficial – e, por vezes, leviana – desperdiça possibilidades. No caso do Enem, por exemplo, a avaliação aparece como algo que julga e condena (as piores escolas...), quando poderia ser mostrada como propiciadora de diagnóstico e de correção de rumos. Não temos no país uma cultura da avaliação como parte de um processo. Para nós, o resultado de uma avaliação é o fim da linha: deu certo ou não deu certo, e ponto final. A forma como se veiculam as matérias sobre o Enem só vem reforçar isso.

Se aumentou a atenção de jornais, revistas e telejornais para a temática da Educação, ainda não se chegou à compreensão do que é necessário para que se garanta uma boa cobertura. Esta carece, ainda, de muitos ajustes por parte da mídia. Algumas de suas características merecem ser lembradas para ajudar na reflexão.

### **Relevante mas sem editoria**

Uma primeira constatação é que Educação não tem status de editoria nas redações – tal como ocorre não só com Cultura, Política, Economia e Esportes, para ficarmos entre as grandes, que integram de forma perene o organograma, mas também com Ciência, Meio Ambiente e Saúde. Todos esses assuntos merecem espaço próprio nas páginas dos jornais. Já a Educação, a despeito de sua relevância, não merece... As matérias de educação disputam espaço com a prisão do traficante, a queda do avião etc. Com isso, prevalece o tom de denúncia no tratamento do tema, para tornar a matéria “interessante” e capaz de se sobressair em meio a outros considerados mais “atraentes” aos olhos do leitor.

Outra constatação importante, que explica um pouco a primeira, é que, geralmente, quem cobre Educação é um jornalista de Cidades ou de Brasil, deslocado para tratar do tema sem qualquer informação prévia, sem preparo, sem conhecimento adequado. Existem poucos setoristas. E menos ainda que se dediquem a uma cobertura qualitativa, analítica. Em televisão, essa lacuna é ainda mais gritante. O repórter que mostra “a pior escola no Enem” é o que acabou de tratar do acidente de trânsito ou da falta de médicos no hospital municipal. E, quando há jornalistas voltados a “cobrir educação”, esses o fazem pelo viés do factual, do oficial, da denúncia ou do serviço (como escolher uma boa escola para o seu filho, como ganhar bolsa para o exterior, como estudar para o vestibular etc.).

Um ponto interessante, ainda, é que, uma vez que Educação não integra as redações de forma estrutural, o perfil dessa cobertura, em geral, condiciona-se aos profissionais que estão ali em

determinado momento. É, em geral, em brechas que um editor-chefe mais sensível ao tema cria um caderno ou abre espaço regular para a Educação, designando um profissional específico para a produção de reportagens de fundo, analíticas, contextualizadas. Se vai embora o editor ou o repórter, a cobertura com esse perfil cessa imediatamente.

### **Falta reflexão nas redações**

O fato de a (boa) cobertura de Educação vir rebocada por visões, desejos e empenho de jornalistas que assumem de forma pontual o comando de jornais e/ou de editoriais, bem como de repórteres especializados no tema, capazes de enxergar pautas que vão para além da cobertura das mazelas das escolas públicas do país, demonstra a forma como a grande mídia encara “o que é notícia”. Leva-nos, ainda, a perceber o quanto um jornalismo reflexivo, em franca expansão no meio acadêmico – nos cursos de pós-graduação, nos artigos e livros publicados, nos congressos e seminários – não se transporta para o dia a dia das redações. O jornalista consciente de sua função de mediador, como profissional capaz de lidar de forma crítica na relação que faz entre a realidade e o processo de produção jornalística e seus necessários filtros e recortes, ainda está por se constituir.

A forma como esses recortes da realidade se dão, os critérios utilizados para fazer as escolhas de fontes de informação, de temas, de conteúdos, o aprofundamento ou o aligeiramento que podem caracterizar a apresentação de determinado assunto definem o quanto a mídia/o jornal aproxima-se ou se afasta de uma pertinente natureza educativa, ao informar. E é justamente a cobertura de Educação que nos mostra com nitidez o quanto essa mídia ainda está distante de seu potencial de...educar.